



## A LEGITIMIDADE DA FILOSOFIA FEMINISTA: CONTRIBUIÇÕES INICIAIS À SUA IMPORTÂNCIA NO BRASIL

TÂNIA APARECIDA KUHNEN<sup>1</sup> E ILZE ZIRBEL<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo procuramos argumentar a favor da legitimidade de uma Filosofia Feminista e contribuir para a sua solidificação no Brasil. Para tanto, discutiremos o suposto paradoxo da aproximação entre o pensamento feminista, de caráter mais concreto e atento às contingências e às vidas das mulheres, e a Filosofia, que preza a abstração e os universalismos, ao mesmo tempo que possui uma produção teórica androcêntrica e uma história de apagamento das mulheres. Em seguida, trataremos de algumas críticas endereçadas à Filosofia Feminista, efetuadas com o intuito de rejeitá-la como um campo de pesquisa e reflexão realmente filosófico – a saber, as de que atua de maneira ideológica e parcial, criando um gueto; de que é por demais interdisciplinar ou sociológica; e que não configuraria um campo próprio de pesquisa, uma vez que suas questões já estariam incluídas em alguma das subáreas da Filosofia. Nas duas últimas sessões refletiremos sobre uma Filosofia Feminista no Brasil (e brasileira), suas características e estratégias de enfrentamento do preconceito contra as mulheres e o feminismo na Filosofia, destacando a possibilidade de expansão da própria ideia do que significa filosofar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Androcentrismo; Filosofia Feminista; Filosofia no Brasil; Mulheres.

**ABSTRACT:** In this paper, we seek to argue for the legitimacy of a Feminist Philosophy and to contribute to its solidification in Brazil. For that, we discuss the supposed paradox of a feminist thought - concerned with more concrete issues and contingencies related to women's lives - and Philosophy, which values abstraction and universalisms, while having a history of erasing women from the canon and an androcentric theoretical production. In a second moment, we will deal with some of the criticisms addressed to Feminist Philosophy, carried out intending to reject it as a real philosophical field of research and reflection. These criticisms are: that Feminist Philosophy acts ideologically and partially, at the same time that it creates a ghetto; that it is too interdisciplinary or sociological; and that it would not be necessary as a field of research since its questions would already be included in any of the sub-areas of Philosophy. In the last two sessions, we will reflect on a Brazilian Feminist Philosophy, its characteristics, and coping strategies to face prejudice against women and feminism in Philosophy, highlighting the possibility of expanding the very idea of what it means to philosophize.

**KEYWORDS:** Androcentrism; Feminist Philosophy; Philosophy in Brazil; Women.

<sup>1</sup> Professora adjunta na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: tania.kuhnen@ufob.edu.br.

<sup>2</sup> Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: izirbel@yahoo.com.br.

Ao longo das últimas décadas, o campo dos Estudos Feministas, juntamente com os Estudos de Gênero, estabeleceu-se como uma importante área interdisciplinar de produção de conhecimento. Os Estudos Feministas destacaram-se em diversos campos disciplinares, a exemplo da História e das Ciências Sociais, em muitos países ocidentais. Todavia, quando olhamos para a Filosofia, em especial no Brasil, é possível perceber uma resistência às abordagens feministas. Embora a Filosofia acadêmica esteja aberta a diversas questões contemporâneas e demandas sociais, como na Ética Aplicada e na Filosofia Política, falar em Filosofia Feminista é um desafio e causa certa aflição, para não dizer rejeição, em muitos departamentos de Filosofia.

A Filosofia Feminista está em processo de consolidação em diversos países como um campo de investigação e publicação bem estabelecido. Conforme Ursula I. Meyer (2004), os EUA foram o primeiro país a reconhecer no âmbito acadêmico e científico as contribuições feministas por meio da oferta de cursos e disciplinas voltados para os Estudos Feministas, abrindo caminho para pensar uma Filosofia Feminista. A criação da Revista *Hypatia*, na década de 80 do século passado, com o objetivo de proporcionar um fórum de diálogo sobre as questões filosóficas levantadas pelo movimento de libertação das mulheres, representa um importante marco nessa consolidação, após uma década de encontros da Sociedade para Mulheres na Filosofia (*Society for Women in Philosophy – SWIP*). A revista se destaca como instrumento de interlocução permanente e desenvolvimento de métodos e abordagens da Filosofia Feminista. Ainda assim, as filósofas americanas Sally Haslanger (2008) e Louise Antony (2012) criticam a persistente desigualdade de gênero no campo da Filosofia nos EUA e investigam as razões para explicar essa resistência da Filosofia às mulheres, além de pensar estratégias que auxiliem a resolver o problema de sua sub-representação na Filosofia<sup>3</sup>.

Nancy Tuana (2011) acrescenta que, com poucas exceções, o trabalho de filósofas feministas na Ásia, África, América do Sul e Rússia não tem recebido atenção da maior parte das filósofas e filósofos feministas. Nesse sentido, cabe questionar quem são os sujeitos da Filosofia Feminista e para que tipo de sujeitos ela é feita. Em outros termos: sobre quais mulheres a Filosofia Feminista está falando e para quem? Tendo essa indagação como ponto de partida, o objetivo deste artigo é oferecer algumas considerações sobre a legitimidade de se pensar uma Filosofia Feminista, tanto em benefício do feminismo quanto da Filosofia, bem

---

<sup>3</sup> Para uma discussão em língua portuguesa sobre o problema da ausência das mulheres na Filosofia e os possíveis fatores correlacionados a essa ausência no cenário acadêmico, confira Kuhnen (2014).

como destacar sua importância no contexto brasileiro para romper com um sentido muitas vezes estrito e excludente do que é Filosofia.

Em nosso país, é recente a introdução de temas e questões do pensamento feminista na Filosofia. Apenas na última década as discussões foram iniciadas em programas de pós-graduação para, então, resultarem na disponibilização de disciplinas optativas pontuais em alguns cursos de graduação. No ano de 2016, deu-se a Criação do Grupo de Trabalho Filosofia e Gênero da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) com o fim de constituir um espaço profícuo para temas vinculados aos estudos de gênero e feministas, bem como apoiar a divulgação das pesquisas realizadas por mulheres. Em 2019, foi criada a Rede Brasileira de Mulheres Filósofas, que se propõe a lutar contra o preconceito na academia, dar visibilidade à obra de filósofas e discutir questões de feminismo e gênero. É importante mencionar que, antes dessas organizações feministas ocorrerem, filósofas brasileiras resistiram e lutaram pelo seu espaço na história da Filosofia no Brasil.

### **1. Sobre um suposto caráter paradoxal da união entre Filosofia e Feminismo**

Emanuela Bianchi (1999) observa que, ao tentarmos unir feminismo e Filosofia, deparamo-nos com um paradoxo, uma vez que temos, de um lado, uma linha de pensamento focada em questões concretas, tanto subjetivas quanto objetivas, e, de outro, uma disciplina que prima pela abstração. Ainda que questões de tipo feminista tenham sido formuladas em vários períodos históricos e por diferentes pensadores e pensadoras na Filosofia, é comum pensarmos o feminismo como oriundo de movimentos sociais e políticos modernos, com reivindicações e questões formuladas fora do âmbito acadêmico e teórico. Este âmbito, por sua vez, é reconhecido como o lugar da produção do pensamento crítico e do conhecimento. Além disso, enquanto feministas, pautamo-nos nas experiências de vida de um conjunto de pessoas concretas (mulheres), situadas em variadas e complexas redes de relacionamentos, influenciadas por diversos marcadores sociais, como gênero, classe, raça, etnia, localização geográfica etc. Elas orientam nossos aparatos conceituais e teóricos, os quais possuem finalidades políticas e éticas com o intuito, por exemplo, de alterar realidades opressivas e injustas. A Filosofia, por outro lado, costuma “abstrair a si mesma da complicação da vida cotidiana e procura verdades de validade universal e eterna relativas à realidade última e à existência humana” (BIANCHI, 1999, xvi).

Se não bastasse esse alegado paradoxo, a Filosofia Feminista também se dedica a temas e questões desvalorizadas ou consideradas secundárias para a Filosofia tradicional. É muito comum que o conhecimento filosófico nos seja apresentado de forma ordenada e composto por

oposições (concreto *versus* abstrato, histórico *versus* eterno, particular *versus* universal, numênico *versus* fenomênico, corpo *versus* mente, emoções *versus* racionalidade, situado *versus* neutro, privado *versus* público, mulher *versus* homem, natureza *versus* cultura...). Na maioria dos casos, há uma hierarquia ou uma diferença de valor envolvida nos binarismos propostos e o Feminismo (ou os feminismos) insiste em valorizar ou revalorizar o lado considerado de menor valor enquanto a Filosofia costuma explorar e valorizar o outro. De igual forma, há um esforço por parte da Filosofia Feminista em alargar o espectro de questões propostas, implodindo tais oposições.

Por fim, muitas das questões considerados importantes por filósofas feministas não são comumente contempladas pela Filosofia, assim como costumam ser deixadas de lado as filósofas e filósofos de outros tempos históricos, locais geográficos e grupos sociais dedicados a discutir temas pouco comuns à história tradicional da Filosofia. Essa prática levou as representantes de uma Filosofia Feminista a se perguntarem “em que sentido e extensão a própria tradição filosófica ocidental está implicada nas condições que produziram as formas particulares de opressão experimentadas pelas mulheres no ocidente” (BIANCHI, 1999, xvi). Trata-se de uma pergunta séria e complexa, capaz de abalar a própria Filosofia e as relações de feministas para com ela.

Refletir sobre as questões apontadas, ou sobre o alegado paradoxo, é, ao mesmo tempo, refletir sobre a própria concepção do que é Filosofia. Apesar de muitos pensadores e pensadoras terem se dedicado à tarefa de conceituá-la, essa segue uma questão aberta. Herta Nagl-Docekal (2004), ao tratar do ceticismo e das suspeitas da Filosofia em relação ao feminismo, acusando-o de promover a ideologização daquela, sustenta que isso só seria possível ao se defender uma perspectiva estrita de Filosofia. A consequência disso seria excluir todo o campo da Filosofia Prática e suas tentativas de contribuir por meios filosóficos para a solução de problemas morais, políticos e sociais.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992), por exemplo, entendem a Filosofia como uma atividade que cria conceitos imanentes, isto é, não transcendentos ou como verdades atemporais e abstratas destinadas à contemplação. Ela produziria ideias não cristalizadas, formadas de elementos e componentes teóricos que se sobrepõem, combinam e articulam para manter uma abertura ao invés de uma forma acabada de produtos ou achados. A racionalidade e potencialidade por trás desses conceitos garante-lhes um caráter heterogêneo e a possibilidade da reformulação para lançar compreensão por meio de uma visão coerente sobre o mundo. A finalidade desses conceitos é ajudar-nos a compreender melhor determinada realidade. Nesse

sentido, podemos complementar que pessoas situadas em diferentes locais e papéis sociais podem reformular, rearticular e recriar conceitos a partir de seus lugares de fala, garantindo a manutenção da heterogeneidade do conceito e seus desdobramentos na compreensão da complexidade da realidade. Também as teóricas feministas são amigas dos conceitos. Elas têm a potência para criá-los para explicar e compreender o presente, induzindo nele o movimento de pensar, desde suas experiências – analogamente ao que fizeram tantas filósofas ao longo da história, apagadas da literatura canônica por razões vinculadas ao patriarcado e ao androcentrismo<sup>4</sup>.

Apesar de rejeitarmos a existência de um paradoxo, podemos ainda assim alegar que há uma tensão na união entre Filosofia e Feminismo. Essa tensão é derivada do próprio caráter eurocêntrico e patriarcal da filosofia tradicional. Poderíamos então nos questionar sobre o interesse do Feminismo – assentado em um pensamento revolucionário – em ganhar espaço na Filosofia, cujos métodos e categorias são historicamente marcados por uma visão eurocêntrica e colonialista do conhecimento. No entanto, a tensão existente pode ser produtiva para ambos os lados. A Filosofia, como atividade de criação de conceitos, pode auxiliar o Feminismo a manter uma constante posição crítica diante das teorias, concepções e abordagens apresentadas, afastando-a do risco de um dogmatismo. Reconhecemos no Feminismo, como Meyer (2004) propôs, um movimento necessariamente heterogêneo, dadas as especificidades e características distintas das mulheres ao redor do mundo e, conseqüentemente, da diferença de prioridade de certas questões para determinados grupos de mulheres que se traduzem em programas e reivindicações políticas divergentes. Nesse sentido, a imanência dos conceitos e a possibilidade de sua reformulação, dando voz ao pensamento potencial de mulheres plurais, é fundamental. O Feminismo, por sua vez, pode auxiliar a Filosofia a ampliar e aprofundar seu olhar sobre determinados problemas, além de torná-la uma reflexão teórico-prática engajada socialmente diante das injustiças que marcam as relações na vida coletiva - ainda que a Filosofia tradicional tenha historicamente reivindicado para si uma suposta neutralidade, conforme veremos no item a seguir.

Importa salientar, todavia, que o ganho para a Filosofia pode ser mascarado por meio de uma maior diversidade de gênero e de cor nos eventos e departamentos da Filosofia. Embora a representatividade seja relevante, ela não é suficiente para combater sistemas de opressão e

---

<sup>4</sup> Por androcentrismo, entendemos, conforme propõe Hilde Lindemann (2006, p. 23), “a visão (geralmente não declarada) de que o homem é o ponto de referência para o que é considerado normal para os seres humanos”. O mundo é organizado situando os homens em seu centro, os quais são tidos como os mais representativos daquilo que é paradigmático para seres humanos.

dominação. O ganho para a Filosofia deve ir além da retórica superficial da diversidade para permitir uma transformação, no sentido de deslocar questões e formas nucleares de resolvê-las ao longo da história. A Filosofia deve se permitir uma incorporação autêntica da diversidade de pensamento, traduzida em novos modos de fazer Filosofia e na ampliação de sentido da própria ação processual do filosofar. É preciso romper as fronteiras estabelecidas que definem os critérios para eleger os cânones filosóficos, comprometidos pelos diferentes “ismos” de dominação – androcentrismo, patriarcalismo, colonialismo, antropocentrismo, capacitismo, por exemplo –, amplificando a configuração ainda limitada do campo filosófico para outras questões, olhares e abordagens voltados para questões antigas. De igual forma, novos métodos podem surgir para apresentar e estruturar o pensamento e as resoluções provisórias de novos problemas.

## **2. Contra relutâncias e críticas: a legitimidade da Filosofia Feminista**

No processo de discussão sobre a possibilidade de uma Filosofia Feminista, algumas críticas têm sido recorrentes e são formuladas no sentido da sua não aceitação. A principal delas diz respeito a um suposto caráter militante e ideológico que lhe seria inerente por seu engajamento em questões sociais e seu posicionamento “pró-mulheres”. Essa postura colocaria em perigo certos valores caros à ciência e à Filosofia, como a neutralidade, a universalidade e a objetividade. Quando muito, a Filosofia Feminista poderia contribuir com algumas questões que dizem respeito à Filosofia Política e à Ética, mas, ainda assim, com ressalvas, uma vez que suas representantes não fariam a devida diferença entre sujeito e objeto de pesquisa ao estudarem mulheres ou questões atreladas ao universo das mulheres, sendo elas próprias parte desse universo. A Filosofia, por sua vez, não seria o *lugar* para esse tipo de atividade. O que espanta é que isso nunca foi apontado como problema quando homens estudam homens ou privilegiam homens como sujeitos universais para suas pesquisas.

Apesar das pretensões universalizantes e da defesa de uma neutralidade por parte do sujeito em seu fazer filosófico, a Filosofia sempre praticou o androcentrismo, ou seja: sempre colocou os homens no centro e as mulheres em uma posição periférica ou de exclusão no fazer filosófico. Linda Alcoff e Eva Kittay (2007) apontam que, na Filosofia, homens sempre detiveram o poder de universalizar suas experiências e dizer no que consiste a realidade, excluindo tudo o que divergia. Tal prática tem contaminado a produção filosófica desde sempre, ao ponto de a própria categoria “ser humano” ter sido impregnada por ela. É com o advento do feminismo e da Filosofia Feminista que o androcentrismo das teorias e práticas filosóficas supostamente universais foi denunciado e, como observou a filósofa feminista Sandra Harding

(1995), uma objetividade realmente forte pôde ser pensada, uma vez que o universal deixa de ser pautado em um modelo excludente.

As pesquisas de filósofas feministas como Harding apresentam, em si, uma resposta à acusação de que a Filosofia Feminista seria ideológica-militante ou adequada apenas ao campo da Filosofia Política. Dizem respeito ao próprio método filosófico e às maneiras de produzir conhecimento. Do ponto de vista de uma epistemologia feminista, as questões da neutralidade, universalidade e objetividade atrelam-se àquelas que dizem respeito ao preconceito (androcêntrico, racial, étnico, geográfico, classista, capacitista...), à colonização das ideias e à injustiça epistêmica, para dar alguns exemplos<sup>5</sup>. Elas implicam a própria possibilidade de um conhecimento objetivo e quais tipos de projetos de conhecimento podem ser considerados objetivos, quais não, e por quê.

A crítica endereçada à Filosofia Feminista como sendo parcial muitas vezes é acompanhada de (mais uma) compreensão errônea de que esta seria uma prática filosófica voltada a um gueto: algo feito por mulheres apenas para mulheres. Há uma prática bastante comum e importante entre as pesquisadoras que se dedicam à Filosofia Feminista de criar grupos de trabalho em conjunto com o intuito de partilhar e discutir temas, bem como prover apoio por meio da escuta e do encorajamento mútuo. Segundo Alcoff e Kittay (2007), esses ambientes servem à ampliação de um debate por meio do uso de narrativas pessoais como forma de transpor os limites entre a racionalidade e as emoções, além de darem importância ao testemunho para enfrentar o problema da autoridade epistêmica. Muitas vezes, é nesses espaços que novas pautas são definidas mediante a percepção de temas importantes para muitas de nós. No entanto, nossas discussões dizem respeito ao mundo compartilhado entre todos e todas. Não há realidade social que diga respeito exclusivamente aos homens ou exclusivamente às mulheres, uma vez que a produção de uma dada realidade social é algo que ocorre em meio a repetidas negociações, anuências, confrontos e resistências mútuas. Assim sendo, as reflexões filosóficas sobre natureza humana, poder, autonomia, cuidado, justiça, linguagem, opressão, emoções, lógica, racionalidade, corpo, violência, sexualidade etc. dizem respeito à maneira como pensamos, organizamos e vivemos em sociedade.

Apesar de não condizer com as nossas visões e reivindicações, o argumento do gueto funciona de maneira tripla para intensificar a exclusão do feminismo na Filosofia: (1) busca desqualificar ou diminuir as pesquisas e reflexões de cunho feminista ao mesmo tempo que (2)

---

<sup>5</sup> Como bem o aponta Miranda Fricker em seu livro *Epistemic Injustice* (2007).

autoriza o afastamento dos pesquisadores homens das temáticas apontadas pelas mulheres e (3) do diálogo com as filósofas que se embrenharam por esse campo.

Um segundo argumento que tende a ser usado para desqualificar a Filosofia Feminista como Filosofia diz respeito à sua tendência à interdisciplinaridade ou à valorização de outras narrativas e maneiras de expressar o pensamento<sup>6</sup>. De maneira muito frequente, as pesquisas feministas andam de braço dado com outras disciplinas (Sociologia, História, Literatura, Biologia, Antropologia, Ciência Política, Psicologia, Pedagogia, Economia...), ouvem os relatos de diversos sujeitos sociais e esforçam-se por compreender linguagens variadas. O compromisso com a realidade concreta da vida e com as experiências das mulheres têm conduzido o feminismo a esse tipo de prática, diálogo e escuta. Compreendemos que essa é a maneira que a própria Filosofia deve constituir-se e que, muitas vezes, chegou a fazê-lo. Pensemos no exemplo da Economia. Quantos filósofos dedicaram-se ou se dedicam a pensar questões que lhe são próprias? Aristóteles tratou de problemas econômicos voltados ao âmbito doméstico; os filósofos escolásticos discutiram questões éticas atreladas à prática da usura; filósofos “mercantilistas” do início da modernidade deram ênfase aos temas do mercado e do comércio; Adam Smith, John Stuart Mill e Karl Marx são grandes exemplos de filósofos-economistas, sem falar do ganhador do prêmio Nobel de Economia: Amartya Sen. Assim como listamos exemplos dessa área, poderíamos listar outros, em meio à Física, Medicina, Matemática, Biologia, Química, Direito, Antropologia (lembremos de Immanuel Kant e suas aulas de Antropologia do ponto de vista pragmático).

Aparentemente, a crítica endereçada à Filosofia Feminista, de que possui um viés excessivamente sociológico ou antropológico, apenas para citar dois exemplos, não poderia ter a ver com essas aproximações interdisciplinares. É possível que o que incomoda não seja o diálogo com outras disciplinas, mas a maneira como ele se dá e as questões colocadas e trazidas de volta à Filosofia. Tratam-se, inúmeras vezes, de questões consideradas importantes por nós mulheres e que não tiveram lugar na História da Filosofia ou foram consideradas de menor valor. Questões que não se quer abordar ou que desestabilizam a maneira de fazer Filosofia, uma vez que confrontam uma série de preconceitos e tendências implícitas, até então invisíveis.

---

<sup>6</sup> Várias filósofas destacam a interdisciplinaridade como um elemento importante da Filosofia Feminista. Para exemplificar, Ann Cudd e Robin Andreasen, editoras de *Feminist Theory* (2005), apontam que o feminismo avança pelo trabalho interdisciplinar e não pode ser subsumido à Filosofia, além de estar sempre conectado com estudos sociais empíricos que fornecem evidências da subordinação. Rosemarie Tong, na introdução ao livro *Feminist Thought* (2014), por ela editado, aponta que é difícil reduzir o pensamento feminista a algumas categorias classificatórias em razão de ele ser interdisciplinar e interseccional.

A filósofa Nancy Bauer, ao falar da obra de Simone de Beauvoir, nos dá um exemplo deste tipo:

Digamos que você queira fazer filosofia invocando um conjunto de regras, por exemplo, regras lógicas, que você compartilha em comum com uma comunidade de pessoas e que são explícitas e públicas [...] Outra opção é começar com uma premissa ou um conjunto de premissas suspeitas e tudo é completamente inspecionável e aberto para visualização. Essa é uma das coisas atraentes da filosofia analítica. No entanto, se você começar dizendo algo como: "Ninguém não nasce, mas se torna mulher", você está jogando a luva [ou seja: está desafiando ou confrontando a regra]. [Para responder a essa questão] Não existem regras formalizáveis; não existe um próximo passo óbvio e não está claro para onde a conversa vai. No *The Second Sex*, Beauvoir faz todas essas alegações sobre o que é ser mulher. [...] [E] ela está simplesmente descrevendo o mundo da maneira que o vê. É claro que algumas pessoas pensam que isso não é filosófico! Para mim, o que torna a coisa toda filosófica é que ela começa com uma pergunta filosófica: "O que é uma mulher?" O livro inteiro foi projetado para responder a essa pergunta. Uma coisa que sabemos é que uma mulher é uma criatura socialmente inferior a um homem. Sobre o que é isso [o que isso diz da nossa realidade social]? A história dela [da mulher] é incrivelmente controversa e ela se abre para ser destruída pelo criticismo. Sua capacidade de suportar isso, manter-se firme e ser educada por outras pessoas, acho infinitamente admirável." (BAUER e SJÖSTEDT, 2013, p. 4).

A formulação de novos problemas ou maneiras de responder a questões filosóficas tradicionais tem levado a Filosofia Feminista a buscar dados e apoio em disciplinas auxiliares por conta do androcentrismo da Filosofia tradicional. Logo, não é a aproximação dessas outras áreas que incomoda, mas os motivos dessa aproximação e os resultados que tem trazido. Há, nesse ato, uma crítica à Filosofia tradicional, por sua atuação insuficiente em responder às demandas de feministas, e uma possibilidade de comprovação dessa crítica, uma vez que as demais disciplinas têm fornecido apoio e material que possibilitam alargar e aprofundar as discussões propostas por mulheres.

A Filosofia Feminista costuma receber, ainda, uma objeção que diz respeito à sua legitimidade como um campo próprio e pertinente de pesquisa: para ser reconhecida como tal, precisaria demonstrar que suas questões e maneira de atuar são realmente únicas, não sendo abordadas em nenhuma outra área ou subárea da Filosofia. Ainda que nos pareça que tal objeção já não faz mais sentido, diante dos avanços que as teorias feministas vêm efetuando nas últimas décadas, responderemos a ela oferecendo um panorama geral da maneira como a Filosofia Feminista reflete e trabalha.

Uma das principais peculiaridades da Filosofia Feminista e, portanto, da sua contribuição à Filosofia, tem a ver com o enfrentamento e correção da falha dupla do androcentrismo, presente em sua história e cânone filosófico. Esta falha implicou a retirada das mulheres como sujeitos de produção de conhecimento e, por consequência, dos temas que lhes eram (e são) caros. A medida em que faz esse enfrentamento, a Filosofia Feminista questiona

não apenas a exclusão das mulheres, mas a de outros grupos sociais, refletindo sobre as temáticas da discriminação e da opressão.

Outra característica da Filosofia Feminista diz respeito ao seu ferramental teórico. Ao longo dos últimos cinquenta anos, muitos conceitos foram elaborados ou reelaborados por teóricas feministas para refletir a realidade social e natural, como é o caso dos conceitos de patriarcado, gênero, conhecimento situado, consubstancialidade do poder, cuidado, autonomia relacional, injustiça epistêmica, e das contribuições específicas dos feminismos negros, a exemplo de interseccionalidade, lugar de fala, etc. Nas mais variadas áreas, filósofas feministas têm usado esses conceitos para refletir sobre questões filosóficas tradicionais ou introduzir novos temas. Ainda que filósofos e filósofas não feministas também os utilizem, é graças à reflexão filosófica feminista que tais conceitos vieram a existir.

Por conta dos argumentos apontados nesta seção, podemos afirmar, juntamente com Maria Luíza R. Ferreira, que uma Filosofia Feminista “situa-se de pleno direito no campo da Filosofia, pelo tipo de questões levantadas, pela linguagem em que se formulam tais questões, pelos conceitos que manuseia, pelas correntes em que se integram. A base que sustenta as teorias feministas é crítica, argumentativa e racionalmente fundamentada” (FERREIRA, 2001, p. 63). Em suma, com suas ferramentas, métodos e abordagens de problemas que até então não eram centrais, o feminismo tem forçado a Filosofia a examinar até que ponto é universal e objetiva em suas reflexões e tem contribuído ou mesmo fundamentado a exclusão e opressão das mulheres, bem como de pessoas negras, asiáticas, latinas, com deficiência, dentre outras. A Filosofia Feminista mantém-se ligada a um projeto político-normativo de superar os sistemas de opressão que impedem o florescimento de diversos grupos humanos - algo que nem sempre foi e é fundamental para a Filosofia.

### **3. Apontamentos para uma Filosofia Feminista no Brasil**

Até aqui procuramos demonstrar o quanto as críticas e resistências a uma Filosofia Feminista não fazem sentido ou são pouco fundamentadas. Possivelmente, resultam da falta de conhecimento sobre ela, por parte de seus detratores.

A partir deste ponto, buscaremos contribuir para uma reflexão sobre a Filosofia Feminista no Brasil. Antes de fazê-lo, entretanto, precisamos informar que somos duas mulheres brancas a escrever este texto e, em razão disso, não temos como esgotar essa temática diante de nossos privilégios e das experiências específicas de outras mulheres atingidas por diferentes marcadores sociais. Adicionalmente, sabemos que a Filosofia no Brasil está longe de ser para os 99% - para usar a expressão de Cinzia Arruzza, Tithy Bhattacharya e Nancy Fraser

(2019) ao caracterizarem um movimento feminista que não exclua a maior parte das pessoas e suas demandas por justiça social.

Nossa contribuição é apenas inicial ao exercício de pensar os caminhos para uma Filosofia Feminista no Brasil – e, porque não, brasileira? - situada dentro de um espectro mais amplo da Filosofia pensada pelas mulheres do Sul Global e mulheres latinas de diferentes origens étnicas e raciais. Afirmamos, assim, de maneira análoga à Ivone Gebara (2018), o limite da nossa reflexão baseada em nossas intuições, percepções, hipóteses e, incluímos, leituras de teóricas em sua maioria do contexto Europeu e Americano. Ademais, na esteira do que propõe Alcoff e Kittay (2007), precisamos nos manter atentas, examinando nossos privilégios e pontos de partida, para evitar novos falsos universalismos e reproduzir falas equivocadas.

Alguns desafios para a Filosofia Feminista no Brasil estão vinculados às próprias mulheres. Um ponto sensível na tentativa de tornar a filosofia mais feminista diz respeito à resistência de mulheres, atuantes na Filosofia, em associarem seus estudos ao feminismo, uma vez que isso traria consigo uma carga negativa. Há mulheres que angariaram com muita resistência individual um certo reconhecimento pelo trabalho filosófico desenvolvido, em meio ao cenário predominantemente masculino. Apesar de terem consciência da difícil escalada de poder no âmbito da Filosofia e dos problemas que enfrentam, resistem à inclusão do termo feminismo na caracterização de si e do seu trabalho, por temerem a rotulação estereotipada. No entanto, é preciso refletir em que medida a resistência de mulheres a serem associadas ao feminismo também não contribui para a sustentação de um modelo de Filosofia tradicional, de bases patriarcais e coloniais. Bell Hooks discute um problema semelhante ao tratar da relação ambivalente entre gênero e feminismo no caso de autoras que até pensam questões de gênero, mas não partem de um ponto de vista feminista: “[...] a ausência de pontos de vista ou referências feministas atua fortemente para deslegitimar o trabalho feminista, ao mesmo tempo em que o livro se apropria das questões e do público criado pelo movimento e pela produção acadêmica feministas” (HOOKS, 2017, p. 171).

Nem todas as mulheres têm consciência de seu lugar de gênero/sexo na Filosofia. Elas negligenciam, consciente ou inconscientemente, o fato de não haver mais mulheres ao seu lado e as razões para essa ausência, acabando por reproduzir de forma acrítica os temas e autores hegemônicos, pois aproximar-se de problemas feministas pode colocar em questão espaços duramente barganhados. Tal posição garante a proteção e a sobrevivência individual, juntamente com uma possível ascensão na carreira, mas não contribui para o aumento das mulheres na Filosofia, nem para torná-la mais diversa em termos de sujeitos, experiências e

formas de reflexão. É difícil articular o combate à opressão de gênero e raça quando o destaque individual prepondera sobre os interesses de grupos, pois é preciso lembrar que nesse contexto nem todas as mulheres que procuram perfurar os estruturados muros e grades do machismo e do patriarcado na Filosofia conseguem fazê-lo sozinhas. Muitas ficaram pelo caminho na tentativa isolada de esforço próprio para que pudessem superar os entraves implícitos e explícitos impostos pelo cenário profissional da Filosofia. Enquanto um grupo atravessado pela categoria de gênero, inter cruzada com diversos outros marcadores sociais, precisamos pensar em tantas mulheres que certamente ficaram pelo caminho.

Também é fundamental não termos medo das formas de expressão consideradas como ‘femininas’ na Filosofia. Não é preciso descartá-las para conseguir adentrar o domínio da Filosofia. Salientamos que nada há na atividade filosófica que, por si, exclua qualquer ser humano com capacidade racional e de reflexão a desenvolver intuições filosóficas, sejam quais forem seus marcadores sociais e identitários predominantes. Rejeitar o feminino, afastar-se dele em nome de valores masculinos ou até de uma assexualização, é o que a história da Filosofia sempre fez. Simplesmente aderir a essa perspectiva nos mantém alinhadas a um pensamento binário e essencialista de ordem patriarcal, que rejeita tudo o que diverge do padrão hegemônico.

Para além de pensar sobre a masculinidade hegemônica marcante na Filosofia, importa pensar sobre a feminilidade, suas características, valores e performances, suas possibilidades de invenção e reinvenção, bem como sobre o que é deixado de fora do feminino, por quais motivos, em quais contextos e com quais finalidades e resultados. Por que a resistência ao termo ‘feminino’ entre nós e na Filosofia? Seria por carregar a marca daquilo que é sempre considerado inferior e subalterno, de forma análoga a outros marcadores sociais (negro, deficiente, idoso, latino, gordo, gay, etc.)? Seria em razão da desvalorização das coisas e ocupações ditas ‘femininas’? Seria por que o estilo de argumentação agressivo e combativo muitas vezes apresentado como modelo a ser seguido na Filosofia se distancia das características desejáveis do feminino?

Queremos pensar o feminino para além do que é forjado pelas imposições do patriarcado e que encontra expressão apenas em uma parcela de mulheres. O modelo tradicional da feminilidade é perpassado pelas fantasias normativas heterossexuais e descarta, conforme destaca Drucilla Cornell (1995), que a elaboração do feminino pode ser diversificada e diferenciada em meio a uma sexualidade variável e multifacetada. Esse modelo também exclui as experiências das mulheres negras e de diferentes grupos étnicos. Por isso, é importante que

nos mantenhemos atentas sobre como a opressão de gênero força sobre nós um certo universo ‘feminino’, de antemão desqualificado, com elementos e uma linguagem que cria espaço para a injustiça epistêmica ao negar a possibilidade de emissão de conhecimento e de testemunho válido a partir de nossas experiências.

Quando referimos o termo ‘feminino’, ressignificado pelo feminismo, pensamos naquelas formas de ser das mulheres que nascem no que a argentina María Lugones (2014) chama de ‘locus fraturado’: o lugar da agência do sujeito colonizado, da diferença, da resistência à opressão e às imposições hegemônicas que podem assumir várias formas, incluindo a imposição de gênero e sexualidade dualista. Para Lugones (2014), resistir aos marcadores sociais da subalternidade não é apenas apontar como oprimem e limitam a percepção de si, mas também investigar que formas de resistência podem ser constituídas nas experiências desse ‘lôcus’, no qual mulheres colonizadas se tornam agentes influentes de suas culturas. Na condição negativa de um não-lugar, o feminino pode originar experiências autênticas, a partir das quais se constroem redes de empatia, atenção e cuidado para permitir a existência do outro por meio do fortalecimento mútuo.

As experiências de sermos femininas são fundamentais para confrontar o modelo androcêntrico na Filosofia, seus métodos e categorias definidas desde um olhar de homens brancos europeus privilegiados, focado na homogeneidade, na reivindicação de uma falsa universalidade e que define também que questões e problemas são relevantes de serem investigados. Nossas experiências devem nos fazer atentas para que não nos tornemos reprodutoras de formas de exclusão de subjetividade ou neguemos espaço na Filosofia para o novo apresentado por mulheres que falam de seus lugares autênticos. Dessa forma, a Filosofia Feminista pode assumir formatos por vezes femininos, sem que isso represente algo de menor qualidade. Podemos defender a valorização da corporeidade, da dimensão sensível e de uma série de elementos próprios do ser humano negligenciados ao longo da História da Filosofia por serem associados a um suposto feminino. Podemos desenvolver um estilo argumentativo, assertivo e tenaz sem demonstrar falta de sensibilidade com o interlocutor ou interlocutora e sem ter de assumir, conforme denomina Louise Antony (2012) um estilo pugilista de discurso.

O pensamento feminista no Brasil deve abrir espaço para a diversidade dos femininos intencionalmente ausentados da Filosofia. Uma vez feministas, devemos defender a liberdade existencial para os modos de ser femininos na Filosofia, em sua fluidez com formas masculinas, sem pretender, é claro, que as mulheres se submetam a um modelo restritivo, esperado e ideal de feminilidade. Esse é nosso papel de filósofas feministas brasileiras, a saber, garantir lugar

para a diversidade de pensar, de levantamento e possibilidades resolução de problemas que constituem a realidade de muitos grupos humanos. Com isso, podemos contribuir para transformar a Filosofia brasileira em um espaço de prática da generosidade e solidariedade, ao invés de disputa eliminatória, acolhendo as expressões do pensamento indígena, afro-brasileiro e de outros grupos subalternos, para escapar às formas da colonialidade e do eurocentrismo, que Lélia Gonzalez (2011, p. 14) denomina de “formas alienadas de uma teoria e de uma prática que se percebem como liberadora”. A filósofa acrescenta que o caráter multirracial e pluricultural é inerente à realidade dos países latino-americanos. Por isso, compreendemos que qualquer tentativa de pensar uma Filosofia Feminista brasileira precisa permanecer atenta a esse fato e dialogar com o pensamento latino-americano ao mesmo tempo em que se afasta de uma postura elitista e individualista do feminismo.

Esses aspectos relevantes para uma Filosofia Feminista no Brasil e brasileira passam ainda pelo necessário engajamento na promoção da mudança. É uma reivindicação da Filosofia Feminista que filósofas e filósofos em geral se atenham, por meio da reflexão e da prática, à superação da discriminação. Isso não se restringe a encorajar alunas de graduação na Filosofia a tomarem a palavra com segurança, nem a garantir um lugar ao sol para algumas mulheres a mais no presente e na história futura de uma filosofia ainda androcêntrica. Entendemos que ampliar o próprio sentido da filosofia, incluindo maneiras inovadoras de apresentá-la, com elementos interdisciplinares e comprometidos com a mudança social, requer uma ruptura inclusive com a ideia do cânone.

A própria definição histórica das obras as quais se atribuiu o privilégio do cânone passou por critérios restritivos e excludentes. Alcoff e Kittay (2007, p. 3) salientam que à medida que o conteúdo de uma obra “não estava entre aqueles considerados como questões centrais para os filósofos do passado, eles não conseguem ser contados como filósofos em compêndios contemporâneos”. Desse modo, a Filosofia Feminista questiona a filosofia em si mesma se entendida a partir de suas obras canônicas, que excluem as mulheres, retratadas geralmente como meras cronistas ao invés de pensadoras originais. Diante dessa constatação, não queremos apenas trazer obras de mulheres para dentro da lista dos cânones, mas confrontar a hierarquização por trás das listas limitadas de obras canônicas. Se aceitarmos critérios para a atribuição da denominação do cânone, teremos de nos questionar quem serão as filósofas que poderão ser incluídas a partir deles, pois vivemos em uma sociedade que reproduz sistemas discriminatórios. Destarte, a Filosofia Feminista precisa desmistificar a ideia do cânone à

medida que se propõe amplificar o pensamento. Desviar-se do cânone nos permite fugir ao controle do que podemos pensar e sobre quais questões estamos autorizadas a pensar.

De maneira complementar a esse desvio, a Filosofia Feminista no Brasil precisa se colocar como não hierárquica e não eleger para si autoras importantes se isso ocorrer às custas da exclusão da relevância de tantas outras pensadoras. Nesse contexto, a Filosofia Feminista deve manter uma postura de escuta atenta, de humildade e coragem para conversar e produzir formas melhores e mais justas de bem viver, sem excluir indivíduos desse processo e produzir novas formas de discriminação e opressão.

#### **4. Estratégias de enfrentamento à exclusão da Filosofia Feminista no Brasil**

Na construção de um cenário para a Filosofia Feminista brasileira, algumas estratégias de enfrentamento são essenciais. Já temos, atualmente, estudos que traçam um diagnóstico sobre a ausência de mulheres na Filosofia no Brasil, apresentando um panorama sobre a desigualdade de gênero nos departamentos universitários. Dados de 2015, coletados por Carolina Araújo (2016), evidenciam que apenas 19,5% do corpo docente da pós-graduação no Brasil é constituído por mulheres. No que tange ao corpo discente da pós-graduação, apenas 28,36% são mulheres. Em estudo mais recente, a filósofa estabeleceu um recorte histórico para mostrar a desigualdade entre mulheres e homens na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017, avaliando os percentuais de mulheres presentes na graduação, pós-graduação e docência de pós-graduação. Ela conclui que as chances do profissional do sexo masculino são maiores do que as do profissional de sexo feminino, além de identificar uma tendência de aumento da desigualdade ao longo dos últimos 14 anos. Estudos como esses são fundamentais para convencer a comunidade de que há um problema de desigualdade de gênero e, por conseguinte, prevalece um certo modo de fazer Filosofia no Brasil perpassado pelo marcador de gênero – além de raça, capacidade/deficiência, heteronormatividade, entre outros. Esse debate, aos poucos, vem se construindo por meio da própria organização das mulheres em razão da crescente consciência de seu não lugar na Filosofia no Brasil.

Para fortalecer as estratégias de transformação do cenário de exclusões de mulheres e de temas e questões ligadas ao feminismo, consideramos fundamental a construção de alianças baseada no reconhecimento do intercruzamento entre os sistemas de opressão que necessitam ser combatidos via abordagem interseccional. Em outros termos, trata-se de buscar uma aproximação com outras minorias na Filosofia que de modo análogo estão buscando seu espaço – por exemplo, trabalhos conjuntos entre o Grupos de Trabalho da ANPOF, Filosofia e Gênero e Filosofia Africana. Se já há poucas mulheres na Filosofia, menor ainda é a presença de pessoas

afrodescendentes e de discussões de problemas vinculados a perspectivas de mundo não ocidentais.

Há algumas medidas que podemos apontar para formar uma estrutura cultural necessária para a legitimação acadêmica dos estudos com ênfase nas questões de gênero e feminista, como Bell Hooks (2017) menciona já ter ocorrido nos EUA. Ao se pensar no caso específico da Filosofia no Brasil, podemos ter estratégias condescendentes com o sistema, como a criação de revistas acadêmicas ou a busca de espaço nas revistas existentes e qualificadas que abracem a produção feminista de mulheres, a reivindicação pelo aumento de participação de mulheres em eventos, sobretudo como palestrantes centrais, bem como a paridade de gênero na composição comitês científicos, bancas de concurso e de defesa de trabalhos de conclusão na pós-graduação em todos os subcampos da Filosofia. No entanto, também é necessário explorar a porosidade das fronteiras da própria Filosofia e seus conteúdos tradicionais, para obtermos orientações direcionadas à uma práxis transformadora. Nesse sentido, destacamos: um trabalho de tradução de textos filosóficos de mulheres desde a antiguidade até o presente e que inclua autoras de fora do eixo europeu; uma revisão dos textos canônicos para incluir reflexões sobre a misoginia de seus autores, quando esta se fizer presente; a reformulação de currículos de graduação e pós-graduação para inclusão de disciplinas que privilegiam o diálogo interdisciplinar e temas de interesse de grupos minoritários; a inclusão da produção de mulheres, sobretudo afro-latino-americanas e indígenas, na bibliografia nos componentes curriculares para incentivar a leitura da Filosofia protagonizada por mulheres; o fortalecimento das publicações por parte de mulheres e minorias em geral por meio da escrita conjunta e coletiva; o desenvolvimento de ações e políticas voltadas às necessidades das mães acadêmicas e professoras; a criação de espaços de acolhimento a grupos minoritários e suas reflexões. Entendemos que essas ações auxiliam na divulgação das produções teóricas e acadêmicas de mulheres, mas também necessitamos repensar a extensão universitária na Filosofia para torná-la mais acessível a um público mais geral o que, muitas vezes, não é uma preocupação de pesquisadores de destaque nos *rankings* de publicação.

Em termos de reivindicações políticas institucionais, inspiradas no trabalho de Virgínia Valian (2005), sugerimos as seguintes medidas, aplicáveis à Filosofia, bem como a outras áreas: os departamentos devem tratar a equidade como um tema relevante, cujo enfrentamento exige estratégias planejadas e motivadas pela teoria e pelos dados e o reconhecimento de todos sobre como gênero influencia a avaliação e a distribuição de recompensas; construir redes de apoio institucionais para professoras e alunas com o fim de assegurar proteção contra o assédio e

incentivar o protagonismo e a liderança de mulheres; desenvolver estratégias para garantir que a avaliação cega de artigos científicos e projetos de pesquisa sobre temáticas e abordagens feministas, bem como sobre temas que fogem da Filosofia tradicional, não seja prejudicada pelas tendências implícitas de rejeição decorrentes dos esquemas silenciosos e preconceituosos inerentes aos avaliadores; demandar junto às agências de fomento que as parcerias realizadas entre pesquisadores situados na América Latina sejam valorizadas e tenham o devido reconhecimento científico; incluir na avaliação e classificação de cursos de graduação e pós-graduação indicadores de nível de comprometimento dos departamentos com medidas tomadas para alcançar equidade de gênero (e diversidade em geral de membros de grupos minoritários); desenvolver editais de processos seletivos de mestrado e doutorado que sejam atrativos para mulheres e outros indivíduos de grupos sub-representados, por exemplo, por meio da reserva de vagas e escolha bibliográfica diversa e com autoras latinas para a realização das provas.

### **Considerações finais**

Ao longo deste artigo, defendemos que pensar uma Filosofia Feminista é legítimo à medida que a Filosofia, desde uma abordagem estreita e fechada em si, construiu-se predominantemente de maneira androcêntrica. Como resultado, a Filosofia se aliou ao preconceito de gênero e excluiu de sua histórica canônica o pensamento de mulheres e as questões filosóficas por elas levantadas e respondidas. Uma Filosofia que se reivindica universal e abstrata é, na verdade, resultado da percepção de determinados sujeitos situados em posições de poder, que reivindicaram para si o privilégio do domínio da atividade da razão. Como consequência, ainda hoje, por meio de acusações e resistência, procura-se negar a importância dos ganhos para a Filosofia quando se alia ao pensamento feminista, sobretudo no cenário brasileiro. Evidenciamos que às críticas a essa integração entre Filosofia e Feminismo não se sustentam e que as mulheres e suas abordagens feministas diversas têm muito a contribuir para uma expansão de sentido da Filosofia. Essa ampliação do sentido filosófico se dá tanto por meio de uma reconstrução da própria História da Filosofia, trazendo à tona inúmeras mulheres e seus trabalhos silenciados, quanto através do levantamento de novos problemas, narrativas, formas de pensar metodologias filosóficas inovadoras e propor conceitos abertos que contribuem para que as áreas e subáreas da Filosofia hoje superem formas de discriminação.

Para finalizar, salientamos que precisamos estar atentas e atentos a ideia totalizante das mulheres na Filosofia. Falar de um ‘nós’ feminista implica olhar para as especificidades contextuais das diferentes mulheres brasileiras atravessadas por marcadores sociais de exclusão

distintos, o que provavelmente as leva a definir diferentes problemas filosóficos como relevantes e centrais. Na tentativa de construir uma Filosofia Feminista brasileira, aberta a um diálogo propositivo e transformativo da realidade, é essencial primar pela pluralidade de vozes de mulheres. Esperamos, por meio dos apontamentos realizados, ter contribuído para que a Filosofia no Brasil se volte sempre mais para questões que afetam a realidade social, política e ambiental de sujeitos situados, marcada pela reprodução de diversos sistemas de opressão e exclusão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOFF, Linda M.; KITTAY, Eva F.. Introduction: Defining Feminist Philosophy. In: ALCOFF, L. M.; KITTAY, E. F. (Eds.). *The Blackwell Guide to Feminist Philosophy*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, p. 1-13.

ANTONY, Louise. Different Voices or Perfect Storm: Why Are There So Few Women in: Philosophy? *Journal of Social Philosophy*, v. 43, n. 3, 2012, p. 227-55.

ARAÚJO, Carolina. *Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil – 2015*. São Paulo: ANPOF, 2016. Disponível em: [http://anpof.org/portal/images/Documentos/ARAUJOCarolina\\_Artigo\\_2016.pdf](http://anpof.org/portal/images/Documentos/ARAUJOCarolina_Artigo_2016.pdf). Acesso em: 11 abr. 2020.

ARAÚJO, Carolina. Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. *Cadernos de filosofia alemã: crítica e modernidade*, v. 24, n. 1, 2019, p. 13-33.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. São Paulo: Boitempo, 2019.

BAUER, Nancy; SJÖSTEDT, Johanna. What is feminist philosophy? *Eurozine*. 2013. Disponível em: <https://www.eurozine.com/what-is-feminist-philosophy/>. Acesso em: 13 mar. 2020.

BIANCHI, Emanuela. *Is Feminist Philosophy Philosophy?* Illinois: Northwestern University Press, 1999.

CORNELL, Drucilla. What is Ethical Feminism? In: BENHABIB, Seyla et al (Orgs.) *Feminist Contentions*. London: Routledge, 1995, p. 75-106.

CUDD, Ann E.; ANDREASEN, Robin O. *Feminist Theory: A Philosophical Anthology*. Malden: Blackwell, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FERREIRA, Maria Luiza R. As mulheres entram na filosofia. *Philosophica*, vol. 17/18, Lisboa, 2001, p. 61-77.

FRICKER, Miranda. *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. Oxford, University Press, 2007.

GEBARA, Ivone. *Filosofia Feminista: uma brevíssima introdução*. São Paulo. Editora Terceira Via, 2017.

GEBARA, Ivone. Às razões incestuosas da violência contra às mulheres. In: CASTRO, Amanda M; MACHADO, Rita de Cassia. *Estudos Feministas: mulheres e educação popular*. v. 2. São Paulo: LiberArs, 2018, p. 101-115.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-Americano. *Círculo Palmarino*, n.1, 2011, p. 12-20.

HARDING, Sandra. "Strong objectivity": A Response to the New Objectivity Question. *Synthese*, v. 104, 1995, p. 331-349.

HASLANGER, Sally. Changing the Ideology and Culture of Philosophy: Not by Reason (Alone). *Hypatia*, v. 23, n. 2, 2008, p. 210-223.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KUHNEN, Tânia A. Por que ainda há poucas mulheres na filosofia? Uma versão modificada do modelo das vozes diferentes. In: CONTE, Jaimir; MORTARI, Cezar.A.. (Org.). *Temas em Filosofia Contemporânea*. v. 13. Florianópolis: NEL, 2014, p. 252-279.

LINDEMANN, Hilde. *An Invitation to Feminist Ethics*. New York: McGraw Hill, 2006.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, set./dez. 2014, p. 935-952.

MEYER, Ursula I. *Einführung in die Feministische Philosophie*. Aachen: Ein-FACH Verlag, 2004.

NAGL-DOCEKAL, Herta. *Feminist Philosophy*. Boulder: Westview, 2004.

REDE BRASILEIRA DE MULHERES FILÓSOFAS. Disponível em: <https://www.filosofas.org/> Acesso em: 24 mai. 2020.

TONG, Rosemarie. *Feminist Thought: A More Comprehensive Introduction*. 4. ed. Boulder: Westview, 2014.

TUANA, Nancy. Approaches to Feminism. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2011. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/feminism-approaches/>. Acesso em: 10 jul. 2013.

VALIAN, Virgínia. Beyond Gender Schemas: Improving the Advancement of Women in Academia. *Hypatia*, v. 20, n. 3, 2005, p. 198-213.